

MATIAS AIRES

REFLEXÕES

SOBRE A

VAIDADE

DOS



HOMENS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Matias Aires

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Preparação, diagramação e revisão
Project Nine Editorial

Imagens
Martysheva Maria/Shutterstock.com;
Wiktoria Matynia/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

| | |
|-----------|---|
| A298r | Aires, Matias, 1705-1763 |
| | Reflexões sobre a vaidade dos homens / Matias Aires. - Jandira, SP : Principis, 2020. 144 p. ; 16cm x 23cm. – (Literatura Clássica Mundial) |
| | Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-070-5 |
| | 1. Literatura brasileira. I. Título. II. Série. |
| 2020-1177 | CDD 869.8992 CDU 821.134.3(81) |

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Ofereço a Vossa Majestade as reflexões sobre a vaidade dos homens¹; isto é o mesmo que oferecer em um pequeno livro aquilo de que o mundo se compõe, e que só Vossa Majestade não tem: feliz indigência, e que só em Vossa Majestade se acha. Declamei contra a vaidade, e não pude resistir à vaidade inocente de pôr estes discursos aos reais pés de Vossa Majestade; para que os mesmos pés, que heroicamente pisam-nas, se dignem proteger estas Reflexões. Mas que muito, Senhor, que elas estejam só aos pés de Vossa Majestade, se as virtudes o ocupam todo? Alguma vez se havia de ver a vaidade sem lugar.

Têm os homens em si mesmos um espelho fiel, em que vêem, e sentem a impressão, que lhes faz a vaidade: Vossa Majestade só neste livro a pode sentir, e ver; e assim para Vossa Majestade saber o que a vaidade é, seria necessário que a estudasse aqui. Quanto dariam os homens, e quanto valeriam mais, se pudessem, ainda que fosse por estudo, alcançar uma ignorância tão ditosa. Não é só nesta parte, Senhor, em que vemos um prodígio em Vossa Majestade. As gentes penetradas de admiração, e de respeito, acham unidos em Vossa Majestade muitos atributos gloriosos, que raramente se puderam unir bem; e com efeito, quando se viu senão agora, sentar-se no mesmo Trono a Soberania e a Benignidade, a Justiça e a Clemência, o Poder supremo e a Razão? Em Vossa Majestade ficarão concordes, e fáceis aqueles impossíveis.

A mesma providência quis manifestar o rei, que preparava para a sua Lusitânia; assim o mostrou logo, porque o Oriente, ou régio berço, em que Vossa Majestade amanheceu, nunca viu figura tão gentil; nesta se fundou o primeiro anúncio da felicidade portuguesa, e foi a voz do Oráculo por onde a natureza se explicou. Não foi preciso que os sucessos verificassem aquele vaticínio, porque Vossa Majestade assim que veio ao mundo, só com se mostrar, disse o que havia de ser. Um semblante augusto, mas cheio de bondade e agrado, foi o penhor precioso das nossas esperanças: venturoso e claro presságio, pois se fez entender até pela mesma forma exterior.

1. Matias Aires – filósofo de nome Matias Aires Ramos da Silva de Eça – publicou suas obras em Portugal e a primeira edição deste título data de 1752. Portanto, foi necessário atualizar todos os verbetes lusitanos, assim como manter algumas construções sintáticas a fim de respeitar o léxico do autor. (N.R.)

Chegou finalmente o tempo em que os acertos de Vossa Majestade persuadem, que há uma arte de reinar, essa não podem os monarcas aprender, Deus a infunde, não em todos, mas naqueles só a quem as virtudes mais sublimes fizeram merecer um favor celeste: isto dizem as resoluções de Vossa Majestade; elas mostram que não foram aprendidas, inspiradas sim. Por isso as primeiras ações de Vossa Majestade não se distinguem das que se vão seguindo; todas são iguais, e todas grandes; aqueles prelúdios, ou ensaios, não cedem na perfeição a nenhuma parte da obra: daqui vem o parecer, que Vossa Majestade não só nasceu para reinar, mas que já sabia reinar quando nasceu.

Pelas mãos da idade recebem os soberanos a experiência de mandar. Vossa Majestade sem depender dos anos, logo com o poder, recebeu a ciência de usar dele: o que os mais devem ao exercício, Vossa Majestade só o deve à Onipotência; por isso as disposições todas de Vossa Majestade são justas, porque com elas se justifica Deus. Aos outros reis servem os homens por força do preceito; a Vossa Majestade servem por obrigação da lei, e também por obrigação do amor; destes dois vínculos, não sei qual é maior, mas é certo que um deles é violento às vezes, o outro é suave sempre; porque as cadeias, ainda as que são mais prezadas, ficam sendo leves, quando é o amor quem as faz, e as suporta. Todos sabem, Senhor, que antes que as nossas vozes aclamassem Vossa Majestade já o tinham aclamado os nossos corações; nestes levantou o mesmo amor o primeiro trono a que Vossa Majestade subiu; e se é certa aquela memorável profecia, que promete a um rei de Portugal o ser senhor de toda a terra, já podemos crer que chegou o tempo de cumprir-se, e esta fé deve fundar-se nas virtudes vossas: e enquanto não chega a feliz hora de vermos na mão de Vossa Majestade o Cetro universal, já vemos que digno dele; sendo que é mais glorioso o merecer, do que o alcançar. Que vossa Real Pessoa guarde Deus infinitos anos.

PRÓLOGO AO LEITOR

Eu que disse mal das vaidades, vim a cair na de ser autor: verdade é que a maior parte destas reflexões escrevi sem ter o pensamento naquela vaidade; houve quem a suscitou, mas confesso que consenti sem repugnância, e depois quando quis retroceder, não era tempo, nem consegui ser anônimo. Foi preciso pôr o meu nome neste livro, e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confissão da culpa costuma fazer menor a pena.

Não é só nesta parte em que sou repreensível: é pequeno este volume, mas pode servir de campo largo a uma censura dilatada. Uns hão de dizer que o estilo oratório, e cheio de figuras, era impróprio na matéria; outros hão de achar que as descrições, com que às vezes me afasto do sujeito, eram naturais em verso, e não em prosa; outros dirão que os conceitos não são justos, e que alguns já foram ditos; finalmente outros hão de reparar, que afetei nas expressões alguns termos desusados e estrangeiros. Bem sei que contra o que eu disse, há muito que dizer; mas é tão natural nos homens a defesa, que não posso passar sem advertir, que se os conceitos neste livro não são justos, é porque em certo gênero de discursos, estes não se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras soam, nem em toda a extensão, ou significação delas. Se os mesmos conceitos se acham ditos, que haverá que nunca o fosse? E, além disto, os primeiros princípios, ou as primeiras verdades, são de todos, nem pertencem mais a quem as disse antes, do que àqueles que as disseram depois. Se o estilo é impróprio, também pode ponderar-se que no modo de escrever, às vezes se encontram umas tais imperfeições, que têm não sei que gala e brio: a observância das regras nem sempre é prova da bondade do livro; muitos escreverão exatamente, e segundo os preceitos da arte, mas nem por isso o que disseram foi mais seguido, ou aprovado: a arte leva consigo uma espécie de rudeza; a formosura atrai por si só, e não pela sua regularidade, desta sabe afastar-se a natureza, e então é que se esforça, e produz coisas admiráveis; do fugir das proporções e das medidas, resulta muitas vezes uma fantasia

tosca e impolida, mas brilhante e forte. Nada disto presumo se ache aqui; o que disse, foi para mostrar, que ainda em um estilo impróprio se pode achar alguma propriedade feliz e agradável.

Escrevi das vaidades mais para instrução minha que para doutrina dos outros, mais para distinguir as minhas paixões, que para que os outros distingam as suas, por isso quis de alguma forma pintar as vaidades com cores lisonjeiras, e que as fizessem menos horríveis e sombrias, e por consequência, menos fugitivas da minha lembrança e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas reflexões um livro, já não posso me emendar por esta vez, senão comprometer que não hei de fazer outro; e esta promessa entro a cumprir já, porque em virtude dela ficam desde logo suprimidas as traduções de Quinto Curcio² e de Lucano. As ações de Alexandre e Cesar³, que estavam brevemente para sair à luz no idioma português, ficam reservadas para serem obras póstumas, e talvez então sejam bem-aceitas; porque os erros facilmente se desculpam em favor de um morto; se bem que pouco vale um livro quando, para merecer algum sufrágio, necessita que primeiro morra o seu autor; e com efeito é certo que então o aplauso não procede de justiça, mas vem por compaixão e lástima.

Não me obrigo, porém, a que (vivendo quase retirado) deixe de ocupar o tempo em escrever em outra língua; e ainda que a vulgar é um tesouro, que contém riqueza imensa para quem se souber servir dela, contudo não sei que fatalidades me tem feito olhar com susto e desgosto para tudo quanto nasceu comigo; além disto, as letras parecem que tem mais fortuna quando estão separadas do lugar em que nasceram; a mudança de linguagem é como uma árvore que se transplanta, não só para frutificar melhor, mas também para ter abrigo.

Vale.

2. Quinto Curcio: historiador que escreveu sobre a vida de Alexandre, o Grande; Lucano: poeta, autor da obra *Farsália*, que trata da Guerra Civil entre Júlio César e Pompeu. (N.E.)

3. Alexandre: Alexandre, o Grande, também conhecido como Alexandre Magno, foi rei da Macedônia durante o século IV a.C.; Cesar: Júlio César, primeiro imperador romano. (N.E.)

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO

*Aprovação do M. R. P. M. Fr. Marcos de Santo Antônio,
Religioso da Ordem de S. Agostinho, Qualificador do Santo
Ofício, etc.*

ILUSTRÍSSIMOS SENHORES.

Revi por ordem de Vossas Ilustríssimas o livro intitulado *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, que pretende imprimir seu autor Matias Aires Ramos da Silva de Eça: parece-me não conter coisa que se oponha à nossa Santa Fé ou bons costumes, e que merece que lhe concedam Vossas Ilustríssimas a licença que pede. Esse é o meu parecer: *salvo tamem semper*, etc.

Graça de Lisboa, 4 de maio de 1752.

Fr. Marcos de Santo Antônio.

*Aprovação do M. R. P. M. Joseph Troiano, da Congregação
do Oratório, Qualificador do Santo Ofício, etc.*

Concordo com o P. M. Qualificador supra, em que estas reflexões não contêm coisa alguma contra a Fé ou bons costumes. Vossas Ilustríssimas ordenarão o que forem servidos.

Lisboa, Congregação do Oratório, 12 de maio de 1752.

Joseph Troyano.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa, 12 de maio de 1752.

Alencastre. Silva. Abreu. Trigoso.

Silveiro Lobo. Castro.

MATIAS AIRES

Aprovação do M. R. P. M. Ff. Norberto de Santo Antônio da Ordem de Santo Agostinho, Qualificador do Santo Ofício, etc.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR.

Vi por ordem de Vossa Excelência este livro das *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, e nele não achei coisa alguma contra a Fé ou bons costumes; antes me parece obra doutrinal, útil e ordenada para fugir de um vício tão transcendente e predominante, e como tal, digna de sair à luz. Vossa Excelência mandará o que for servido.

Convento da Graça, 5 de Junho de 1752.

Fr. Norberto de S. Antônio.

Vista a informação, pode se imprimir o livro de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa, 8 de julho de 1752.

D. J. Arcebispo de Lacedemônia.

Aprovação do M. R. P. M. Francisco Ribeiro da Companhia de Jesus, reitor do Colégio do S. Patrício, etc.

SENHOR.

Vi por ordem de Vossa Majestade o papel, ou livro intitulado *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, composto por Matias Aires Ramos da Silva de Eça, e em todo ele não achei coisa alguma que se oponha ao Real serviço de Vossa Majestade e crédito do reino; antes me parece muito útil para despertar aos homens engolfados no desvanecimento do mundo, do letargo, e esquecimento da vida eterna, e os deixar surdos para as enganosas adulações da vaidade, vício tão antigo como o mesmo mundo, e tão universal como os mesmos homens, aos quais segue em vida, e de ordinário não desampara na morte. E como todas estas reflexões me parecem desenganos acertados para a salvação, claro está, que nenhum me

fica para a censura, e por isso julgo serem dignas de que Vossa Majestade conceda a seu autor a licença, que pede. Vossa Majestade mandará o que for servido.

Lisboa, Colégio de S. Patrício, Seminário de Irlandeses, 17 de junho de 1752.

Francisco Ribeiro.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá.

Lisboa, 22 de junho de 1752.

Ataíde Vaz de Carvalho Castro Mourão.

Pode correr. Lisboa, 28 de julho de 1752.

Alencastro (sic.) Silva Abreu Trigoso.

Silveiro Lobo Castro.

Pode correr. Lisboa, 30 de julho de 1752.

D. J. Arcebispo de Lacedemônia.

Que possa correr e taxam em quatrocentos réis em papel.

Lisboa, 1º de agosto de 1752.

Marquez P. Ataíde Vaz de Carvalho Castro Mourão.

MATIAS AIRES

*Vanitas vanitatum, et omnia vanitas*⁴.

Eclesiastes 1:2

4. Vaidade de vaidades, tudo é vaidade. (N.E.)

MATIAS AIRES

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS

Sendo o termo da vida limitada, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais do que nós mesmos e se introduz nos aparatos últimos da morte. Que maior prova do que a fábrica de um elevado mausoléu? No silêncio de uma urna depositam os homens as suas memórias, para com a fé dos mármorees fazerem seus nomes imortais, querem que a suntuosidade do túmulo sirva de inspirar veneração, como se fossem relíquias as suas cinzas, e que corra por conta dos jaspes a continuação do respeito. Que frívolo cuidado! Esse triste resto daquilo que foi homem já parece um ídolo colocado em um breve, mas soberbo, domicílio que a vaidade edificou para habitação de uma cinza fria, e desta declara a inscrição o nome e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.

Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os últimos suspiros, estamos dispendo a nossa pompa fúnebre, como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para ocupação: nessa hora, em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, entramos a compor, a ordenar o nosso acompanhamento e assistência funeral; e com vanglória antecipada nos pomos a antever aquela cerimônia, a que chamam as nações últimas honras, devendo antes chamá-la vaidades últimas. Queremos que em cada um de nós se entregue à terra com solenidade, e fausto, outra infeliz porção de terra: tributo inexorável! A vaidade no meio da agonia nos faz saborear a ostentação de um luxo, que nos é posterior, e nos faz sensíveis às atenções que hão de dirigir-se à nossa insensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquela vaidade de que não podemos ser capazes depois da morte: nisto é piedosa conosco a vaidade; porque em instantes cheios de dor e de amargura não nos desampara; antes nas disposições de uma pompa fúnebre, dá ao nosso cuidado uma aplicação, ainda que triste, e faz com que divertido

e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte, e luzida a nossa mesma sombra.

De todas as paixões, quem mais se esconde é a vaidade: e se esconde de tal forma que a si mesma se oculta e ignora: ainda as ações mais pias nascem muitas vezes de uma vaidade mística, que quem a tem não a conhece nem distingue: a satisfação própria, que a alma recebe, é como um espelho em que nos vemos superiores aos demais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar o bem.

Não há maior injúria que o desprezo; e é porque o desprezo todo se dirige e ofende a vaidade; por isso a perda da honra aflige mais que a da fortuna; não porque esta deixe de ter um objeto mais certo, e mais visível, mas porque aquela toda se compõe de vaidade, que é em nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expõe a honra por amor à vida, e quase sempre se sacrifica a vida por amor à honra. Com a honra que adquire, se consola o que perde a vida; porém o que perde a honra, não lhe serve de alívio à vida que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem no ser, que para durarem na vaidade. Justo fora, que amassem com excesso a honra se esta não fosse quase sempre um desvario, que se sustenta na estimação dos homens e só vive da opinião deles.

O não fazer caso do que é vão também pode nascer de uma excessiva vaidade, e a este grau de vaidade não chega aquela, que é medíocre e ordinária; e desta sorte o excesso no vício da vaidade vem a produzir a aparência de uma virtude, que é a de não ser vaidoso: e, com efeito, assim como o excesso na virtude parece vício, também o excesso no vício vem de algum modo a parecer virtude. Na maior parte dos homens se acham os mesmos gêneros de vaidade, e quase todos se desvanecem dos mesmos acidentes de que estão, ou se imaginam, revestidos: porém alguns há em quem a vaidade é misteriosa e esquisita; porque consiste em desprezar a mesma e em não fazer caso dos motivos, em que se funda a vaidade dos outros.

Trazem os homens entre si uma contínua guerra de vaidade; e conhecendo todos a vaidade alheia, nenhum conhece a sua: a vaidade é um instrumento que tira dos nossos olhos os defeitos próprios, e faz com

que apenas os vejamos em uma distância imensa, ao mesmo tempo que expõem à nossa vista os defeitos dos outros ainda mais perto, e maiores do que são. A nossa vaidade é a que nos faz ser insuportável aos demais; por isso a quem não tivesse vaidade não lhe importaria, nunca, que os outros a tivessem.

Todas as paixões têm um tempo certo em que começam, e em que acabam: algumas são incompatíveis entre si, por isso para nascerem umas é preciso que acabem outras. O ódio e o amor nascem conosco, e muitas vezes se encontram em um mesmo coração, e a respeito do mesmo objeto. A liberdade, a ambição e a avareza são ordinariamente incompatíveis; manifestam-se em certa idade, ou ao menos então adquirem maior força. Não sei se diz-se que as paixões são umas espécies de viventes, que moram em nós, cuja vida e existência, semelhantes à nossa, também têm um tempo certo e limitado; e assim vivem e acabam em nós, da mesma forma que nós vivemos no mundo, e acabamos nele. Com todas as paixões se une a vaidade; a muitas serve de origem principal; nasce com todas elas e é a última que acaba: a mesma humildade, com ser uma virtude oposta, também costuma nascer de vaidade; e, com efeito, são menos os humildes por virtude do que os humildes por vaidade; e ainda dos que são verdadeiramente humildes, é raro o que é insensível ao respeito e ao desprezo, e nisto se vê que a vaidade exercita o seu poder ainda donde parece que não o tem.

A vaidade, por ser causa de alguns males, não deixa de ser princípio de alguns bens: das virtudes meramente humanas, poucas se haviam de achar nos homens se neles não houvesse vaidade: não só seriam raras as ações de valor, de generosidade e de constância, mas ainda estes termos ou palavras seriam como bárbaras e ignoradas totalmente. Digamos que a vaidade as inventou. O ser inflexível é ser constante; o desprezar a vida é ter valor: são virtudes que a natureza desaprova e que a vaidade canoniza. A aleivosia, a ingratidão e a deslealdade são vícios notados de vileza, por isso deles nos defende a vaidade; porque esta abomina tudo quanto é vil. Assim se vê que há vícios de que a vaidade nos preserva, e que há virtudes que a mesma nos ensina.